

Expedição científica avaliará impacto das mudanças climáticas nos açais e na água no Marajó

Category: GERAL, PARÁ

escrito por Alice Kettlen | 11 de junho de 2026



Localizado no município de Cachoeira do Arari, no arquipélago do Marajó, o Território Quilombola de Gurupá abriga aproximadamente 310 famílias remanescentes de quilombos. Grande parte da população tem no açaí a base da alimentação e como principal fonte de renda. Além disso, é por meio dos rios, lagos e igarapés da região, como o rio Arari e o igarapé Gurupá, que os moradores se locomovem e pescam para a venda e a subsistência. No entanto, essas atividades essenciais para a comunidade já vêm sendo afetadas pelas mudanças climáticas. “As populações e a biodiversidade já sofreram impactos negativos das mudanças climáticas, com as secas extremas de 2023 e 2024, mas ainda não foram caracterizados nem medidos”, comenta Carlos Souza Jr., coordenador científico do projeto Áreas Úmidas da Amazônia, conduzido pela RAISG.

Com foco em medir esses impactos e criar um plano de adaptação climática com base nos dados coletados, um grupo de 13 pesquisadores e dois jornalistas do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), do Instituto Socioambiental (ISA), da startup Bioflore, além de um apoiador quilombola e uma pesquisadora da Fiocruz, esteve na região entre os dias 12

e 16 de maio de 2026. A iniciativa integra os projetos Áreas Úmidas e Vulnerabilidade Hídrica, liderados pela Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG), da qual fazem parte o Imazon e o ISA.

Em parceria com a Associação de Remanescentes de Quilombo do Rio Gurupá (ARQUIG), a equipe realizou um mapeamento florestal de alta precisão na vegetação nativa e em áreas de açais para avaliar seus estados. Também foram feitas análises da qualidade da água dos rios e igarapés da região, bem como dos poços rasos e artesianos utilizados pela comunidade.

Os habitantes relatam a diminuição do nível dos lagos, rios e igarapés, a morte de peixes e a queda na produtividade do açaí, que apresenta frutos “queimados”, como descrevem, ainda nos cachos. Eles também mencionam o aumento da salinidade dos rios, fenômeno agravado pela instabilidade climática que altera os regimes de seca e cheia na Amazônia. Com isso, a água do oceano adentra com maior força o estuário do Marajó entre julho e dezembro, período mais seco, tornando os corpos hídricos mais salgados do que o normal.

“O que tem afetado diretamente a produção do açaí, de forma notória, são as mudanças nos ciclos do período chuvoso e do período de seca. Se já tá quente e o cacho do açaí tá maduro e cai uma chuva (às vezes tem chuvas torrenciais), há um choque térmico, o açaí na árvore amolece e posteriormente ele seca.”, descreve o professor Rosivaldo Correa, residente da comunidade e presidente da ARQUIG.

“Nosso trabalho é diretamente com a comunidade. A gente quer entender os desafios para a gestão desse território, onde a principal atividade está relacionada ao açaí. Nós sabemos, com base nos dados históricos de monitoramento do MapBiomas Água, que há uma tendência de perda de superfície hídrica na escala da bacia amazônica. Essa comunidade foi afetada pelas secas extremas, o que levou a um estresse hídrico na vegetação local, impactando diretamente a produção do fruto, e o bem-

estar das populações e a biodiversidade”, explica Carlos.

Áreas de açaçais são mapeadas em 3D com o uso de drones

Durante três dias de campo, foram utilizados drones equipados com sensores LiDAR e câmeras RGB de alta resolução em 12 pontos ao longo do rio Arari e dos Igarapés Murucutu, Gurupá e Baixo Gurupá, para realizar o mapeamento preciso da densidade, da distribuição e das características de reprodução e mortalidade das palmeiras de açai. A pesquisa ocorreu tanto em áreas de açai nativo, onde as palmeiras não passam por modificações humanas, quanto em áreas manejadas, onde a vegetação é aberta e o açai é plantado para otimizar a produção e facilitar a extração do fruto. O levantamento também incluiu extensões de açaçais nativos ainda não explorados.

A atividade foi desenvolvida com o apoio técnico da Bioflore, uma startup especializada em monitoramento ambiental por meio do sensoriamento remoto, associado ao uso da Inteligência Artificial. “Trabalhamos com o LiDAR, um tipo de sensor capaz de penetrar a copa da vegetação e gerar imagens tridimensionais da floresta. Com essas informações em 3D, conseguimos calcular a altura da vegetação e o estoque de carbono que as árvores armazenam. Outra tecnologia utilizada é a câmera RGB, que captura imagens em altíssima resolução para que a gente possa identificar as espécies existentes aqui, a quantidade delas e conhecer melhor a biodiversidade da região”, explica Heitor Filpi, CEO da Bioflore.

O levantamento com drones permitiu mapear uma área de cerca de 300 hectares. A partir do diagnóstico detalhado dos açaçais, que ainda está em andamento, os quilombolas que se alimentam e trabalham diretamente com o fruto, poderão utilizar as informações tanto para criar um plano de adaptação climática para a comunidade, juntamente com o Imazon e o ISA, quanto

para aprimorar o manejo do açaí. Além disso, os dados podem apontar demandas de políticas públicas para a região e abrir novas oportunidades, como comenta Rosivaldo: “Com esse levantamento, a gente vai ter dados mais precisos e poderá elaborar projetos, participar de editais, e isso vai ser um ganho muito grande para nós. É muito importante ter esses dados para buscar melhorias para o nosso povo”.

Qualidade da água de rios, igarapés e poços do quilombo é analisada

As mudanças climáticas também podem estar alterando a quantidade de sais minerais presentes nos rios e igarapés que banham o quilombo Gurupá. Isso ocorre porque os rios desaguam no mar e, durante os períodos de estiagem, cada vez mais intensos e frequentes devido à instabilidade do clima, o volume de água doce diminui. Com isso, o mar avança sobre o leito dos rios, deixando-os com níveis de salinidade inadequados à região.

A análise dos sais minerais, assim como a de outras características que definem a qualidade hídrica, como o teor de oxigênio e o pH, dentre outros parâmetros, foi realizada pela pesquisadora da Fiocruz, Gina Boemer. Ela recolheu duas amostras de água em pontos diferentes do rio Arari, duas no igarapé Gurupá, uma no igarapé Murutucu e duas no igarapé Aracaju, totalizando sete amostras entre o rio e os igarapés mais importantes para os quilombolas.

“O desejável é que a água esteja mais próxima das condições originais e que não haja grandes impactos humanos interferindo nessa qualidade hídrica. Esse equilíbrio ambiental é necessário para a manutenção da vida nesse ecossistema”, detalha a cientista.

As comunidades também vêm enfrentando dificuldades com a água destinada ao consumo, oriunda de poços mais profundos,

chamados de artesianos, e de poços rasos, denominados localmente como “poços de boca aberta”. Segundo relatos, não há tratamento adequado na comunidade, e cada família é responsável por tratar sua própria água, seja fervendo ou utilizando hipoclorito de sódio distribuído pelos agentes comunitários de saúde. Com base nas informações locais, a pesquisadora da Fiocruz analisou dois poços e duas torneiras utilizados pela população.

A ausência de diagnóstico da qualidade da água, e as dificuldades no tratamento vêm causando doenças na população, principalmente nas crianças, que em alguns casos apresentam diarreia e vômito. “Na minha casa, eu fervero a água para tomar, porque há muito tempo já sofri com algumas doenças causadas pela contaminação. Então, eu tenho certeza de que essa pesquisa vai gerar bons frutos, principalmente em relação à saúde das pessoas”, relata a coordenadora escolar e moradora Miriam Santos.

O planejamento da iniciativa prevê o retorno da equipe ao local ainda em 2026, com o objetivo de apresentar a análise detalhada dos dados sobre o açaí e a água do Quilombo Gurupá. A partir daí, serão discutidas, com a comunidade, soluções práticas que contribuam para o enfrentamento das mudanças climáticas pelos quilombolas, que tem a floresta e os rios como território de vida.

“Em breve, vamos ter um dossiê detalhado sobre o que está acontecendo na comunidade. Existem algumas tendências sobre o que pode estar acontecendo, mas esse conjunto de dados pode nos dar perspectivas para compreender melhor essas mudanças e construir um plano de adaptação climática para o quilombo”, comenta Cícero Augusto, pesquisador do ISA.

Fonte: REDAÇÃO Por: Jornal Folha do Progresso
11/06/2026/14:19:03

O formato de distribuição de notícias do [Jornal Folha do](#)

Progresso pelo celular mudou. A partir de agora, as notícias chegarão diretamente pelo formato Comunidades, ou pelo canal uma das inovações lançadas pelo WhatsApp. Não é preciso ser assinante para receber o serviço. Assim, o internauta pode ter, na palma da mão, matérias verificadas e com credibilidade. Para passar a receber as notícias do Jornal Folha do Progresso, clique nos links abaixo siga nossas redes sociais:

- [Clique aqui e nos siga no X](#)
- [Clica aqui e siga nosso Instagram](#)
- [Clique aqui e siga nossa página no Facebook](#)
- [Clique aqui e acesse o nosso canal no WhatsApp](#)
- [Clique aqui e acesse a comunidade do Jornal Folha do Progresso](#)

Apenas os administradores do grupo poderão mandar mensagens e saber quem são os integrantes da comunidade. Dessa forma, evitamos qualquer tipo de interação indevida. Sugestão de pauta enviar no e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com.

Envie vídeos, fotos e sugestões de pauta para a redação do JFP (JORNAL FOLHA DO PROGRESSO) Telefones: WhatsApp [\(93\) 98404 6835](tel:+5511984046835)– (93) 98117 7649.

“Informação publicada é informação pública. Porém, para chegar até você, um grupo de pessoas trabalhou para isso. Seja ético. Copiou? Informe a fonte.”

*Publicado por Jornal Folha do Progresso, Fone para contato 93 981177649 (Tim) WhatsApp: [-93- 984046835](tel:+5511984046835) (Claro)
- Site: www.folhadoprogresso.com.br e-mail: folhadoprogresso.jornal@gmail.com/ou e-mail: adeciopiran.blog@gmail.com*